

AGLOE: A Cidade Decorrente das Representações Espaciais Cartográficas

AGLOE: a City Born of Cartographic Spatial Representations

*Gustavo Augusto Andrade de Oliveira*¹

*Pamela Pereira Pedra*²

*Amanda Rodrigues Mapa*³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a cidade ficcional de Agloe, Nova York, enquanto fenômeno cartográfico, à luz da produção de sua espacialidade. Para isso, uma discussão do romance, Cidades de Papel, de John Green e pesquisas acerca da história de Agloe são combinadas, revelando os trâmites envolvidos na cartografia, sobretudo nas representações espaciais - o mapa - que carregam elementos geográficos de *papel*. Este artigo explica como a existência de Agloe exemplifica a influência socioespacial que os mapas têm na vida cotidiana e sua relevância como instrumentos cartográficos.

Palavras-chave: Ciências Humanas. Geografia. Cartografia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the fictional city of Agloe, New York, as a cartographic phenomenon, according to the production of its spatiality. Therefore, a discussion of John Green's novel, Paper Towns, and research on the history of Agloe are combined, revealing the processes involved in cartography, especially in the spatial representations – the map -, which carry geographic paper elements. This article explains how Agloe's existence exemplifies the importance of the socio-spatial influence that maps have on daily life and their relevance as cartographic instruments.

Keywords: Humanities. Geography. Cartography.

INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos, o ser humano sempre utilizou instrumentos para estabelecer uma comunicação com o outro, de modo a transmitir informações de temporalidades e espacialidades distintas para gerações futuras. Para isso, as representações espaciais, enquanto método comunicativo, aparecem em diversas plataformas ao longo de sua evolução, como pinturas rupestres, croquis e, finalmente, os mapas. Estas são algumas formas de representação do espaço de inserção do

¹ Graduando em Geografia pelo Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Graduanda em Letras pelo Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

³ Graduanda em Geografia pelo Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

indivíduo que objetivam a compreensão do significado das geograficidades que se fazem presentes na realidade tridimensional.

Historicamente, a produção de mapas é propiciada em ciclo, como consequência de uma atividade humana da qual se exige sua representação documental para auxiliar a apreensão da espacialidade e, até mesmo, o desenvolvimento socioespacial em âmbitos diversos, sobretudo geopolítico, ao representar linhas e pontos calculados e ao impor fronteiras, divisões e limites entre as terras reveladas nos mapas. A cartografia revela a sua imagem emblemática, a sua gênese, uma vez que os assuntos humanos demandam a representação espacial para mediar as relações sociais estabelecidas no espaço.

De acordo com o desenvolvimento dos mapas, é possível ver a história da sociedade, ciência e tecnologia, civilização e política. Como antes, as pessoas só precisavam descrever áreas pequenas, onde podem caçar e se alimentar, obter água limpa etc. Depois que as atividades agrícolas começaram e as pessoas começaram a desenhar limites e estes se tornaram importantes, então os mapas também. O início da agricultura significou o início da propriedade. O início da propriedade tornou-se o início de guerras e colonização. A terra, em si, tornou-se pertence de alguém, mas não de cada ser vivo que vive nele. (BILGILER, 2015, p.9, tradução nossa)⁴

Em referência a cartografia, ciência erigida para suprir a necessidade da representação espacial, essa trouxe novas aplicabilidades em sua evolução, uma vez que mapas eram feitos manualmente por muito tempo. A tecnologia apreendeu a cartografia, subsidiando opções mais eficientes e objetivas para conter as informações geográficas por meio de seus três principais atributos, de acordo com Monmonier (1996), que qualificam a representação: a escala, a projeção e a simbolização.

A grande virada na utilização da cartografia se dá exatamente com a revolução da microinformática, a partir dos anos 1980, acompanhada de sua prima-irmã, a Internet, e a disponibilidade gratuita de imagens de satélite, dados e mapas georreferenciados. (FREIRE; FERNANDES, 2010, p.84)

A cartografia, de acordo com Bilgiler (2015), neste cenário, sustentada pelos pilares matemática, tecnologia e ciência, oportuniza confiabilidade às suas representações. A produção digital de mapas se faz presente, cada vez mais, no cotidiano das pessoas devido a sua maior acessibilidade e utilidade.

⁴ According to the development of maps, it is possible to see the history of society, science and technology, civilization and politics. As before, people just needed to describe the area they live in, small areas, where they can hunt and feed themselves, get clean water etc. After agricultural activities started and people started to draw boundaries and these became important, so do maps. The start of agriculture meant the start of property. The start of property became the start of wars and colonization. The earth, itself, became a belonging of someone, but not of every living being living on it.

Os fenômenos representados em primeiro plano⁵ nos mapas nos mostram a interferência do ser humano no espaço, a presença da natureza, a organização e divisão dos territórios, e, muitas vezes, fenômenos de segundo plano⁶ acabam sendo despercebidos pelo usuário do mapa. Um exemplo de fenômeno de segundo plano podem ser as *idades de papel* ou cidades falsas, que podem se abrigar em fenômenos de primeiro plano.

Com a finalidade de compreender a importância e a influência da representação cartográfica, este artigo pretende examinar historicamente o fenômeno *idade de papel* ocorrido nos Estados Unidos, com a cidade Agloe, Nova York, esta, uma vez georreferenciada nos mapas e, hoje, *não mais*. Contudo, a cidade, atualmente, enfrenta um dilema existencial ao ter sido georreferenciada e ter incitado a ocupação em seu espaço.

Desta forma, os objetivos deste artigo se configuram em realizar uma discussão da cartografia, com ênfase na representação espacial e analisar o papel cartográfico referente ao fenômeno apresentado como *idade de papel* em Agloe, Nova York, Estados Unidos.

Para a realização deste artigo foram adotados os **procedimentos metodológicos** que se seguem: levantamento bibliográfico jornalístico do histórico de Agloe e da cartografia, no âmbito das representações espaciais: o mapa. Ademais ao levantamento bibliográfico, o romance **Cidades de Papel**, de John Green, é preponderante para a discussão que este artigo carrega. Para a representação de Agloe, foram utilizadas duas imagens de satélite para visualizar o fenômeno cartográfico *idade de papel*.

2 Representações Cartográficas: O Mapa

Desde a antiguidade (2500 a.C.), com o surgimento dos primeiros mapas, antes mesmo da existência da escrita, o ser humano passou a utilizá-los para representar e demarcar áreas, pontos relevantes. Assim como para a orientação das navegações que contavam com a utilização de outros instrumentos, sendo orientados, também, pelos

⁵ O primeiro plano do mapa se refere a sua temática, ao seu propósito (o protagonista).

⁶ O segundo plano do mapa se refere ao inesperado, o que pode vir a ser (o coadjuvante em potencial) a partir do que é apresentado em seu primeiro plano.

astros. Na medida em que o ser humano se relacionava com as representações espaciais, novas técnicas foram possibilitadas, aperfeiçoando-as.

De acordo com Longo (2011), com a chegada da idade moderna, a cartografia voltou a se desenvolver, adquirindo o caráter de ciência e representando outros fenômenos geográficos até que, no século XX, o avanço tecnológico se encontra com as representações cartográficas, possibilitando o processamento da informação espacial em meio digital. Dessa forma, trouxe precisão e acurácia para os mapas, permitindo sua visualização, além do formato tradicional nos papéis por meio de imagens de satélite, aerofotogrametria, desenvolvimento dos sistemas de informação geográfica (SIG), programas de mapeamento, sites, sistema de posicionamento global (GPS), serviço de localização nos dispositivos móveis, sensoriamento remoto entre outros. Os mapas impressos apresentam uma representação mais fidedigna à realidade, com grande riqueza de detalhes, dando precisão aos dados ali georreferenciados:

Hoje a cartografia passou a ser valorizada como uma ciência e muito importante para as diversas áreas da Geografia, valorizando o conhecimento e transformando o real em objeto, ganhando identidade e linguagem cartográfica, [...] contribuindo para o desenvolvimento social, político e econômico em que estamos inseridos com sujeito ativo e participativo [...] (LONGO, 2011, p.7)

As representações cartográficas estão extremamente presentes no cotidiano de grande parte da população que, muitas vezes, não sabe diferenciá-las ou até mesmo interpretar as informações contidas nas diversas representações que são realizadas, produzidas. “Cartas, para quem não aprendeu a lê-las e utilizá-las, sem dúvida, não têm qualquer sentido, como não teria uma página escrita para quem não aprendeu a ler.” (LACOSTE, 2012, p.38)

O mapa, utilizado como instrumento de comunicação, por vezes, se torna ignorado devido à impossibilidade de interpretá-lo, logo, se estabelece a ausência de comunicação entre emissor-receptor. “[...] a função de um mapa quando disponível ao público é a de comunicar o conhecimento de poucos para muitos, por conseguinte ele deve ser elaborado de forma a realmente comunicar.” (LOCH, 2006, p.27)

Francischett (2001) ressalta que um dos objetivos das representações cartográficas é estabelecer articulação entre o conteúdo e a forma por intermédio da linguagem cartográfica, possibilitando, assim, uma leitura e interpretação de diversos fenômenos espaciais. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) elaborou um breve conceito sobre o mapa, que compreende seu conteúdo e sua funcionalidade:

Mapa é a representação no plano, normalmente em escala pequena, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de uma área tomada na superfície de uma figura planetária, delimitada por elementos físicos, político-administrativos, destinada aos mais variados usos, temáticos, culturais e ilustrativos. (IBGE, 2006)

As representações cartográficas se tornam documentos recorrentes no cotidiano, se apresentando em diversas formas e formatos. Por conter informações sobre determinada localidade, sua importância é ampliada, uma vez que é possível verificar dados como trajeto até certa localidade, cálculos de distâncias, entre outras informações espaciais. Portanto, sua utilização se torna inerente às atividades humanas.

A informação contida nos mapas possui um grau de influência em seu leitor, o qual apreende seus elementos simbólicos como reais, como se fizessem parte de sua realidade, ou seja, influencia a realidade do leitor sob uma determinada perspectiva de vista. “Atualmente, os mapas ainda exercem uma atração sobre as pessoas: no ícone dos navegadores (browsers), nas propagandas, e até nos chocolates.” (CARVALHO, 2006, p.63)

A tipologia da informação disponível no mapa pode caracterizá-lo enquanto instrumento cartográfico. De acordo com Fitz (2008), se o mapa apresenta conteúdo específico e está modificado em relação ao conteúdo da área representada, este mapa é considerado temático:

A geração de mapas temáticos necessita de outros mapas como base. O objetivo básico dos mapas temáticos é o de fornecer uma representação dos fenômenos existentes sobre a superfície terrestre fazendo uso de uma simbologia específica. (FITZ, 2008, p.43-44)

Os elementos podem ser mudados, simbólica ou geograficamente, para captar a atenção do leitor acerca do que se inscreve no mapa, categorizando-os como mais importantes ou podem, até mesmo, serem inventados. A essas invenções, que não são equivalentes à realidade, se configura o *fenômeno de papel* a ser analisado neste artigo:

As pessoas confiam em mapas e mapas intrigantes atraem o olho, bem como conhecem autoridade. Os cidadãos ingênuos aceitam de bom grado mapas absolutos baseados em uma seleção tendenciosa e, às vezes, fraudulenta de fatos. ⁷(MONMONIER, 1996, p.87, tradução nossa)

O saber cartográfico, então, se mostra, uma vez mais, centralizado por aqueles que o utilizam para a concentração do poder, para alcançar interesses próprios, de

⁷ People trust maps, and intriguing maps attract the eye as well as connote authority. Naïve citizens willingly accept as truth maps based on a biased and sometimes fraudulent selection of facts.

acordo com Lacoste (2012). O mapa se converte em um instrumento de distorção de informações reais, em um instrumento de manipulação da realidade por aqueles que dominam aquele saber. A partir deste domínio, o formato e a forma do mundo passam a ser pré-estabelecidos, assim como, os fenômenos espaciais representados no mapa.

3 Cidades de Papel

O romance contemporâneo do autor John Green, **Cidades de Papel**, suscita a discussão do termo que dá nome a ele, abordando-o tanto em relação a sua representação na esfera humana, como uma questão filosófica-existencial, quanto na esfera cartográfica, como fenômeno de representação espacial. “Existe uma ligação intensa entre os mapas e a literatura, embora se pense que um mapa mais “real” tenha de negá-la.” (CARVALHO, 2006, p.75)

Essa discussão foi realizada a partir de Agloe, uma localização falsa que se tornou real a partir do momento em que foi georeferenciada e aceita pelas pessoas. Embora não seja encontrável, em Agloe, uma cidade com casas, prédios, ruas, prefeitura, etc., a relação do indivíduo com o espaço é que pôde sustentar o irreal que fora *solidificado* para o real.

O termo “cidade de papel” não se resume em uma cidade que existiu somente nos mapas, trata-se, também, de uma metáfora existencial sobre o que se faz para se tornar real. Isso nos é referenciado pela personagem Margo, em uma de suas falas do filme **Cidades de Papel** (2015): “É uma cidade de papel. Casas de papel e ruas de papel e as pessoas também”⁸ (tradução nossa). É como se tudo não passasse de identidades falsas porque, para ela, as pessoas não se preocupam com o que verdadeiramente importa:

Mas se a vida imita, ou se baseia, na arte para construir modelos de explicação da realidade ou concepções religiosas, a arte lhe respondeu ao propor modelos sócio-espaciais ideais: escritores humanistas brilhantes elaboraram uma representação do cosmos ou do mundo, ou mesmo de lugares inexistentes. (CARVALHO, 2006, p.75-76)

Esse sentimento do falso pode ser visto em consoante ao inexistente e, para se fazer existente, é preciso muito mais do que viver os padrões. Por isso, Margo aposta na ideia de viver sua vida de acordo com suas próprias convicções e sem temer as

⁸ It's a paper town. Paper houses and paper streets and the people too.

consequências que seus atos podem causar. Por fim, existir tem a ver com a perpétua busca de experiências que nos põe no eixo da realidade não programável.

Para Green, durante sua conferência ao TED (Technology, Entertainment, Design), “[...] a maneira na qual nós mapeamos o mundo, muda o mundo.” (tradução nossa)⁹. Ao expressar essa frase, Green principia o termo “Cidades de Papel” como um fenômeno manipulado e, portanto, representado, em primeiro momento, no mapa. Uma vez realizado o mapeamento de determinada área da superfície terrestre, o seu resultado se torna a forma como a visualizamos. Em outras palavras, o mapeamento carrega importância ao representar a realidade, dando fiabilidade e recebendo confiança de seu usuário, enquanto objeto irrevogável de autenticidade, ao menos no caso que será estudado: a cidade de AGLOE . Entretanto, o mapa pode, sim, conter informações criadas pelo seu elaborador. “Tantos grupos e estados usam mapas para manipular o ponto de vista das pessoas sobre o mundo, a geografia e as relações internacionais.” (BILGILER, 2015, p.10, tradução nossa)¹⁰

3.1 *Agloe*

Agloe está localizada¹¹ na interseção de duas ruas a norte de Roscoe, Nova York, Estados Unidos. A cidade apareceu a priori em mapas, em 1930, produzidos pela General Draft Company para o posto de combustível Esso (ExxonMobil Corporation). Dois cartógrafos da companhia – *Otto G. Lindberg* e *Ernest Alpers* – georeferenciam AGLOE em seus mapas como maneira de colocarem um *selo* que comprovasse os direitos autorais de seus mapas, caso fossem plagiados em outro momento. Para isso, Lindberg e Alpers organizaram e juntaram suas iniciais para dar gênese a uma nova localidade, a então chamada cidade de Agloe, área representada pontualmente pela Agloe General Store na figura I.

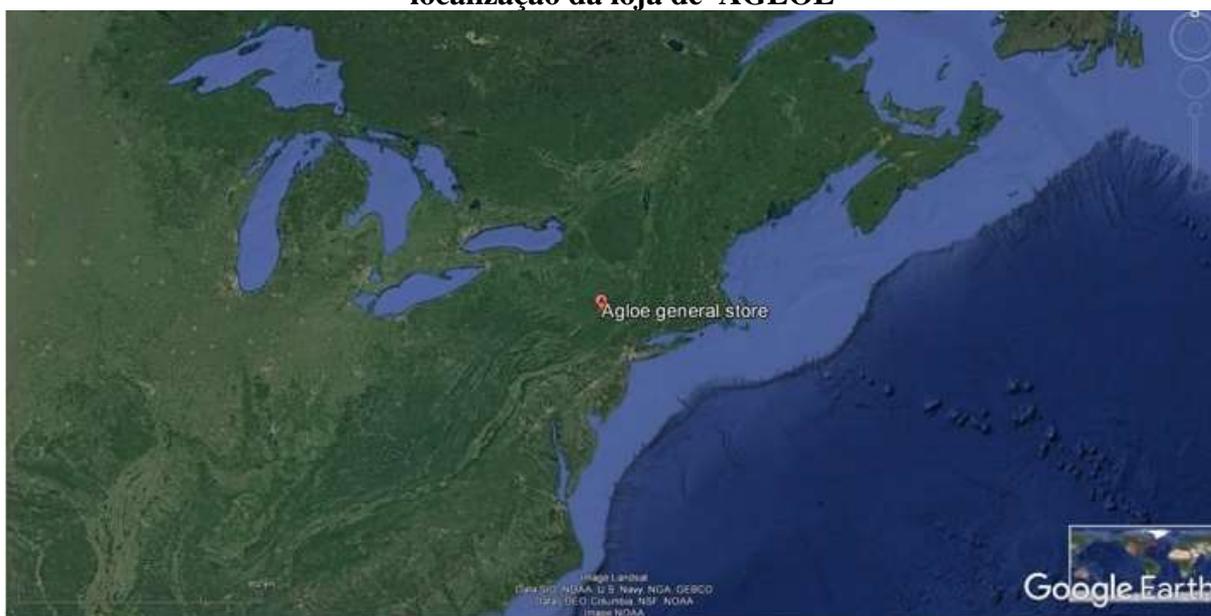
⁹ [...] the way the manner in which we map the world changes the world.

¹⁰ So many groups and states use maps to manipulate people’s point of view of the world, geography and international relations.

¹¹ As coordenadas geográficas, de acordo com The Driving Route Planner website: Latitude 41.964111300 e Longitude -74.907832100.

Comparado aos mapas militares, a maioria dos mapas de propaganda são um pouco mais do que esboços. Um bom estabelecimento de defesa sabe como guardar seus mapas e seus detalhes geográficos e, ainda, às vezes vazam informações falsas para que o inimigo pense que seja verdade. (MONMONIER, 1996, p.113, tradução nossa)¹²

Figura I Nordeste dos Estados Unidos com a localização da loja de AGLOE



Fonte: Google Earth

Elaboração: Laboratório de Cartografia PUC-MG

Autor: OLIVEIRA, G. A. A.

Data: novembro de 2016

Fonte: Adaptada do Google Earth, 2016

Cartograficamente, Agloe se tornou uma armadilha para os que plagiassem os mapas de Lindberg e Alpers. A cidade se tornou um elemento falso, inexistente na realidade, que daria legitimidade aos argumentos dos autores, caso futuros mapas a reproduzissem. Há muitos elementos falsos que são referenciados em mapas para a proteção dos direitos autorais. De acordo com Moss (2015), podem ser cidades falsas, ruas, rios e montanhas. “Agloe, Nova York, é uma aldeia fictícia criada pela empresa Esso no início dos anos 1930 e inserida em mapas turísticos como uma armadilha de

¹² Compared with military maps, most propaganda maps are little more than cartoons. A good defense establishment knows how to guard its maps and their geographic details and yet at times to leak false information the enemy might think is true.

direitos autorais, ou cidade de papel.” (GREEN, 2008, p.235, tradução nossa).¹³ Portanto, as armadilhas cartográficas, como *idades de papel*, subsidiariam um possível caso de investigação ou, até mesmo, processos.

De acordo com Krulwich (2014), era e ainda é recorrente casos de plágio de mapas que são copiados e reproduzidos com outros autores, com outras companhias e agências. Há poucas alterações dos conteúdos do mapa. Portanto, a armadilha cartográfica, cidade de papel, se tornava uma prova que viabilizaria os autores originais de recorrerem à justiça. Afinal, quem reproduziria algo irreal?

As armadilhas dos direitos autorais caracterizam a cartografia por séculos. Os cartógrafos criam marcas fictícias, ruas e municípios e os colocam obscuramente em seus mapas. Se a entrada ficcional é encontrada no mapa de outro cartógrafo, fica claro que um mapa foi plagiado. As armadilhas dos direitos autorais são conhecidas também, às vezes, como armadilhas chaves, ruas de papel e cidades de papel [veja também entradas fictícias]. Embora poucas corporações cartográficas reconheçam sua existência, armadilhas de direitos autorais continuam sendo uma característica comum mesmo em mapas contemporâneos. (GREEN, 2008, p.236, tradução nossa)¹⁴

3.2 *Desdobramentos consequentes da cidade de papel Agloe*

Os casos de replicação de mapas já produzidos nunca cessaram. O mapa de rotas que inseria Agloe, como armadilha de direitos autorais fora reproduzido em um outro mapa nos anos de 1940 e em vários outros, a posteriori. De acordo com Millward (2014), a Rand McNally, uma companhia cartográfica rival, teria referenciado Agloe em seus mapas de rotas. Os autores originais de Agloe levaram a companhia para questionamentos, todavia, uma surpresa veio à tona: Agloe ganhara vida.

Aparentemente, a Rand McNally e muitos outros foram intimados à justiça, entretanto, puderam se defender com um alibi encorpado, uma vez que a existência de Agloe se tornara, de certa forma, legítima. Um residente desconhecido, que possuía os mapas que apresentavam Agloe referenciada, decidiu criar uma loja identificada pelo nome da cidade: The Agloe General Store, representada na figura II. Esta loja na verdade era um alojamento de pesca, de acordo com Roberts (2014).

¹³ Agloe, New York, is a fictitious village created by the Esso company in the early 1930s and inserted into tourist maps as a copyright trap, or paper town.

¹⁴ Copyright traps have featured in mapmaking for centuries. Cartographers create fictional landmarks, streets, and municipalities and place them obscurely into their maps. If the fictional entry is found on another cartographer's map, it becomes clear a map has been plagiarized. Copyright traps are also sometimes known as key traps, paper streets, and paper towns [see also fictitious entries]. Although few cartographic corporations acknowledge their existence, copyright traps remain a common feature even in contemporary maps.

Na década de 1940, Agloe, Nova York, começou a aparecer em mapas criados por outras empresas. Esso suspeitou de violação de direitos autorais e preparou vários processos, mas, na verdade, um morador desconhecido havia construído “The Agloe General Store” no cruzamento que apareceu no mapa Esso. (GREEN, 2008, p.236, tradução nossa)¹⁵

Figura II Localização da AGLOE General Store



Fonte: Google Earth

Elaboração: Laboratório de Cartografia PUC-MG

Autor: OLIVEIRA, G. A. A.

Data: novembro de 2016

Fonte: Adaptada do Google Earth, 2016

Desde então, Agloe, de acordo com Millward (2014) resistia aos anos como uma cidade não existente com vida virtual. Afinal, só havia aquela loja naquele espaço e nenhum habitante, população zero. Agloe se sustentava por meio da literatura, da internet e, claro, dos mapas já produzidos. De acordo com Roberts (2014), até o dia 16 de março de 2014, Agloe aparecia no serviço Google Maps, mas fora retirada posteriormente.¹⁶ “O edifício o qual ainda está [precisa de citação], é a única estrutura em Agloe que continua a aparecer em muitos mapas e é, tradicionalmente, gravado como tendo uma população de zero. (GREEN, 2008, p.236, tradução nossa)¹⁷

¹⁵ In the 1940s, Agloe, New York, began appearing on maps created by other companies. Esso suspected copyright infringement and prepared several lawsuits, but in fact, an unknown resident had built “The Agloe General Store” at the intersection that appeared on the Esso map.

¹⁶ A loja de Agloe ainda aparece nas imagens de satélite do Google Earth, como foi representado ao longo do artigo por meio de imagens de satélite.

¹⁷ The building, which still stand [needs citation], is the only structure in Agloe, which continues to appear on many maps and is traditionally recorded as having a population of zero.

A publicação do romance de John Green, **Cidades de Papel**, ressaltou o caso de Agloe e a tornou, cada vez mais, real para os que leram, reunindo fãs do romance naquela rua onde está localizada a loja de Agloe e para gravar o momento por registros fotográficos próximo de placas que dizem “Welcome to Agloe.”. Não obstante ao romance, as filmagens da adaptação cinematográfica trouxeram mais vida àquela espacialidade que tange o campo ficcional e não ficcional. Agloe é reconhecida por muitas pessoas atualmente e esse pensamento configura a existência de Agloe, mesmo não estando lá visualmente. Enfim, o que é o real?

Em relação a esse aspecto, Bilgiler afirma;

Para resumir, todos os mapas que encontramos sejam eles mapas oficiais, mapas na mídia ou mapas que vimos durante nossa educação, têm uma influência significativa sobre como construímos nossa realidade de nossa perspectiva de mundo. (BILGILER, 2015, p.25, tradução nossa)¹⁸

3 Considerações Finais

A partir deste artigo, pôde-se constatar a influência e a presença que as representações cartográficas têm em nosso cotidiano, em vários âmbitos, não somente na geografia, mas, também, no tratamento da informação espacial. Esta, uma vez transformada em mapa, propicia um campo que abriga fenômenos geográficos e cartográficos de duas dimensões que tem o seu devir em três dimensões em alguns casos, como a cidade de Agloe.

O saber cartográfico se posiciona como potencial transformador da realidade. A utilização da cartografia é passível de manipulação por quem a utiliza e se faz necessária o domínio de sua leitura, tanto para fins sociais quanto políticos. Os trâmites, a se desenvolver pela produção das representações espaciais, recebem novas inspirações e expressões a cada elemento georreferenciado.

O mapa, enquanto representação cartográfica, revelou sua dialética de produto, ao ser produzido pelo ser humano, e produtor, ao suscitar novas geografias, a partir de seus elementos georreferenciados. Agloe poderia ter continuado apenas um nome no mapa Nova Iorque, mas fomos capazes de transformar um ponto no papel em um espaço físico. Atualmente, Agloe é visitada por dezenas de fãs da obra de John Green e o fictício, enfim, está no mundo real.

¹⁸ To sum up, all the maps we came across whether they are official maps, maps in the media or maps we have seen during our education have a significant influence on how we construct our reality of our perspective of the world.”

REFERÊNCIAS

BILGILER, Begum. **La Grande Illusion**: Do maps tell the truth? 2015. 52p. Thesis. Department of Geomatics Engineering of Istanbul Technical University – Faculty of Civil Engineering.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. **A Geografia Desconhecida**. Londrina: EDUEL, 2006.

FITZ, Paulo Roberto. **Geoprocessamento** sem complicação. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A cartografia no ensino de geografia a aprendizagem mediada**. Tese de Doutorado, UNESP Presidente Prudente, Programa de Pós-graduação. 217f. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/101445/francischett_mn_dr_prud.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 nov. 2016.

FREIRE, Neison Cabral Ferreira; FERNANDES, Ana Cristina de Almeida. **Mapas como expressão de poder e legitimação sobre o território**: uma breve evolução histórica da cartografia como objeto de interesse de distintos grupos sociais. Portal da Cartografia, Londrina v. 3 n. 1, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>> Acesso em: 15 nov. 2016.

GREEN, John. **Paper Towns**. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2010.

GREEN, John. **Paper towns and why learning is awesome**. YouTube, 22 de julho de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NgDGlcxYrhQ>> Acesso em: 7 nov. 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Noções Básicas de Cartografia**, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoos/representacao.html> Acesso em 08 nov. 2016.

KRULWICH, Robert. **An Imaginary Town Becomes Real, Then Not**. True Story. NPR. 2014. Disponível em:

<<http://www.npr.org/sections/krulwich/2014/03/18/290236647/an-imaginary-town-becomes-real-then-not-true-story>> Acesso em: 08 nov. 2016.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra.** Tradução de Maria Cecília França. 19ª ed. Campinas: Papirus, 2012.

LOCH, Ruth E. Nogueira. **Cartografia:** representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

LONGO, Valéria Aparecida Anti. **A história da cartografia e suas contribuições para a linguagem cartográfica nas séries do ensino fundamental.** Monografia especialização em geografia, UNESP Presidente Prudente, Rede São Paulo de formação docente – REDEFOR, Curso de especialização em geografia. 21f. Disponível em: <http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/tcc/REDEFOR_1ed_TCC_Val%C3%A9ria%20Aparecida%20Anti%20Longo.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2016.

MILLWARD, David. **Putting AGLOE on the map:** the tale of a town that never was. The Telegraph. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/usa/10712728/Putting-AGLOE-on-the-map-the-tale-of-a-town-that-never-was.html>> Acesso em: 08 nov. 2016.

MONMONIER, Mark. **How to lie with Maps.** 2ª ed. Chicago: University of Chicago Press. 1996.

MOSS, Laura. **'Paper Town' and other lies maps tell you.** MNN. 2015. Disponível em: <<http://www.mnn.com/lifestyle/arts-culture/stories/paper-towns-and-other-lies-maps-tell-you>> Acesso em: 08 nov. 2016.

ROBERTS, Sam. **Seeking a Town on the Border of Fiction and Reality.** The New York Times. 2014. Disponível: <http://www.nytimes.com/2014/03/29/nyregion/in-search-of-AGLOE-ny-a-town-on-the-border-of-fiction-and-reality.html?_r=2®ister=facebook> Acesso em: 08 nov. 2016.

SCHREIER, Jake. **Cidades de Papel.** YouTube, 08 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2Pgmfgf9e80>> Acesso em: 7 nov. 2016.